

NO SUL DO MATO GROSSO, NAS FÁBRICAS DE TANINO EMERGEM OS “MARCA ONÇAS” *

KMITTA. Ilsyane do Rocio **
LEITE. Eudes Fernando ***

Porto Murtinho se constitui um pequeno centro urbano no Pantanal sul-matogrossense e, está sujeito aos períodos alternados de cheias e estiagem que configuram a região pantaneira. A formação cultural de Porto Murtinho está estritamente ligada às imigrações que se seguiram no decorrer da constituição do município e ocorrem ainda hoje. Hábitos e costumes diversos se fundem, dando origem a um amalgama cultural que envolve índios, paraguaios e imigrantes.

Sendo uma das sub-regiões dos pantanais, situa-se às margens do Rio Paraguai, cerca de 50 km a montante do Rio Apa, tendo como limites ao norte o município de Corumbá, ao Sul e a Oeste a República do Paraguai e, tendo a Leste, Jardim e Bodoquena. Sua área total compreende 17. 872,90 km². Está distante 443 km da capital Campo Grande.

Porto Murtinho iniciou sua trajetória em meados de 1850, em virtude da ocupação pela fronteira do Brasil com o Paraguai. A tropa, comandada pelo Tenente Francisco Bueno da Silva, montou acampamento, por um período de quatro meses no local conhecido como “Fecho dos Morros”. Foram atacados por paraguaios vindos de Assunção. A disputa entre os dois países era por uma faixa de terra entre os rios Apa e Branco, localizada na região de Porto Murtinho, requisitada pelo Paraguai como linha divisória entre os dois países. Em conformidade com Arruda, “desde o período colonial, a região matogrossense despertava preocupações pela sua posição estratégica. Havia desde a independência, uma série de disputas de fronteiras com o Paraguai e toda a região sul da então província do Mato Grosso estava sob litígio.” (ARRUDA, 2000, p.114)

Foi somente em 1892 (ANUÁRIO, 1943, p.243), quando a S.A Banco Rio-Mato Grosso adquire a Fazenda Três Barras com o intuito de construir um porto para o escoamento da erva mate, é que a região desponta no cenário mato-grossense. Queiroz sinaliza que

[...] no início do regime republicano, Laranjeira tratou de nacionalizar (pelo menos oficialmente) sua rota de exportação, como contrapartida à obtenção de novas concessões de terrenos ervateiros. De fato, o governo do Estado de Mato Grosso, agora responsável por tais concessões, exigiu que a erva fosse exportada por um porto brasileiro. Assim, a empresa estabeleceu, a partir de 1892, o *Porto Murtinho*, ainda no rio Paraguai, mas agora em território sul-mato-grossense. (QUEIROZ, 2004, p. 22)

* Texto extraído (salvo modificações) da dissertação de mestrado apresentada ao PPGH/UFGD

** PPGH/UFGD bolsista FUNDECT/CAPES e-mail: ilsyanekmitta2@ibest.com.br

*** Doutor em História. Professor na UFGD. e-mail: eflite@ufgd.edu.br

A construção do porto visava à centralização do embarque de toda produção da indústria extrativa da erva mate explorada pela Cia Laranjeira que detinha a concessão pelo Decreto 8.799 de 09 de dezembro de 1882, para a exploração dos ervais em terras matogrossenses. A Gazeta Oficial de 04 de maio de 1894 descreve a construção do porto:

Como sabeis, o porto escolhido foi um dos melhores do baixo Paraguai, situado na antiga fazenda Três Barras, hoje propriedade do Banco Rio e Mato Grosso e nele já se acham em via de conclusão, senão concluídos, não só a ponte para o trapiche como também os armazéns destinados ao depósito dos nossos produtos.¹

A indústria ervateira ganhava corpo. Além das grandes concessões de extensas faixas de terras, a empresa investiu na construção de estradas de acesso, pontes e portos de escoamento dos seus produtos, e na rede telegráfica. Atrélada a construção do Porto, foi construída uma ferrovia que permitia a ligação e o transporte da produção da Fazenda São Roque a então vila de Murtinho. Paralela a extração do mate, uma estrutura logística foi implantada que incluía estradas, cidades, locais de trabalhos minuciosamente organizados impedindo a evasão da mão de obra, basicamente indígena e paraguaia.

Porto Murtinho esteve incorporado ao Município de Miranda até 1897 e, pela Lei n. 165, a Corumbá. Em 10 de abril de 1900 é criado o Distrito de Porto Murtinho pela Resolução n. 255. Com a promulgação do Decreto n. 310 de abril de 1912 ocorreu à instalação da Vila e, através da Lei 810 de 08 de dezembro de 1919 passa a ser comarca. Foi elevado a município pela lei n. 560 datada de 20 de setembro de 1911. Elevado a categoria de cidade pela Lei 962 de 12 de julho de 1926. (SILVA, 2003. p. 150) Em 1939 o município atingiu um espaço territorial de 14.066 km². O município situado na região de fronteira com o Paraguai passou por intervenções, sendo considerado como Área de Segurança Nacional, em 1938 foi erigida a 2ª Cia de Fronteira e entre os anos de 1943 a 1946 o município passou a integrar o território Federal de Ponta Porá que foi extinto pela Constituição de 1946. Porto Murtinho foi novamente declarado como Área de Segurança Nacional pela Lei n. 5.442 de 1960.

Neste início, era constituído basicamente, por moradores vindos do sul, especialmente do Rio Grande do Sul e Paraná, devido à produção da erva-mate pela Cia Laranjeira, de índios e paraguaios que já viviam no local compondo o quadro da mão de obra disponível e de baixo custo. População esta, que continua a traçar os contornos do pequeno centro urbano na orla da planície pantaneira.

¹ Gazeta Oficial de 04/05/1894. Microfilme caixa 1. Arquivo do Estado de Mato Grosso, Cuiabá.

Se considerarmos, de acordo com Pesavento, que a História Cultural possibilita uma nova abordagem sobre as cidades, percebemos que “a cidade é, sobretudo, uma materialidade erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, neste sentido, um outro da natureza: é algo criado pelo homem, como uma sua obra ou artefato. (PESAVENTO, 2007:13). Destarte, se a cidade é materialidade, ela é constantemente pensada, produzida e reproduzida por homens que na sua edificação, tanto material quanto imaterial depositam interesses intrínsecos. A cidade de Porto Murtinho foi erigida a partir da necessidade do escoamento da produção da erva mate que estava atrelada a visão oportunista de Tomaz Laranjeira e conseqüentemente ao processo de exploração e conquista das fronteiras.

Iniciou-se então um processo de constituição de espaço a partir das necessidades advindas das atividades econômicas implantadas para a região. Ao destacar “as condições econômicas do sul de Mato Grosso no início do Século XX” (QUEIROZ, 1997, P. 113), Queiroz salienta que apesar da propagação e das constantes adaptações da pecuária, é preciso considerar que “a atividade produtora mais rentável no SMT nessa época pertencia ao domínio da extração vegetal, com a exploração da erva-mate [...]” (QUEIROZ, 1997, p. 119). Com as constantes dificuldades enfrentadas na transposição dos terrenos alagadiços do Pantanal, ocasionando perda na produção e conseqüentemente prejuízos financeiros, a Cia Laranjeira recebeu auxílio do capital estrangeiro que propiciou a melhoria no transporte para o escoamento da produção.

Ligados a estes fatores, o despontar de uma nova atividade econômica para a região: a emergente exploração do quebracho. Atividades estas lucrativas que em muito contribuíram para o desenvolvimento do município, alavancando as atividades de exportação em períodos de curta e média duração. Encontramos em Kuhlmann, uma exposição do quadro mencionado,

Ao sul do Pantanal, na sua parte mais estreita, diretamente em contato com a Bodoquena, há uma atividade que embora menos importante que a pastoril, é das mais prósperas da região – a extração do quebracho. Para sua industrialização foram montadas duas fabricas de tanino, com uma produção de cerca de 12 toneladas diárias. (KUHLMANN, 1954, p. 117)

A exploração do quebracho do qual era extraído o tanino utilizado na indústria química, em curtumes e na tecelagem, já ocorria desde as últimas décadas do século XIX no Paraguai e Argentina, sendo muito requisitado pela Europa. Árvore de cerne extremamente duro com coloração vermelha, abundante no Chaco Paraguaio e na região de Porto Murtinho, coloca novamente a pequena cidade no cenário econômico matogrossense. Destacamos

estudos realizados por Franco, quando apresenta as seguintes características para a madeira do quebracho: “possui três camadas: a casca é preta, o sâmag, a parte branca, e o cerne é vermelho, do qual se extrai o tanino [...]” (FRANCO, 2004, p. 8) Prosseguindo, destaca que “[...] uma árvore de quebracho tinha em média 80 cm de diâmetro e o tronco media de 7 a 12 metros de altura.” (IDEM, p. 9)

Por ser de difícil reflorestamento, sendo uma árvore nativa da região, a extração acelerada resultou na devastação dos vastos quebrachais que foram impiedosamente dizimados. Segundo Leonardi, “o extrativismo por suas próprias características, é a atividade que não pode ser pensada como se os seres humanos pairassem acima da natureza e do meio ambiente.” (LEONARDI, 1999, p. 15) Com a escassez do quebracho, restou apenas o fechamento das indústrias de tanino em meados dos anos de 1970.

A exploração do quebracho, tal qual no Brasil, ocorria em ritmo acelerado nas regiões paraguaias de “Porto Pinasco, Casado, Sastre, Guaraní, dedicados a extração da madeira [...] empregando centenas de famílias trabalhadoras, sem contar a população indígena que contribuía como mão de obra nas áreas consideradas mais rudimentares.” (FRANCO, 2004, p. 14)

No Brasil, a extração do tanino foi realizada pela Companhia Extrativa de Tanino S.A cuja fundação data de 1927 com sede no Rio de Janeiro. Em Porto Murtinho, mais especificamente, para a exploração das matas de quebracho, foi instalada somente em 1935 a Florestal Brasileira S.A por um consórcio do governo alemão, com início das atividades em 1936. No período de funcionamento chegou a empregar cerca de duas mil pessoas que trabalhavam no processo de administração, extração e industrialização do tanino, cujo processo de produção envolve a trituração da madeira e processo químico originando o produto final, muito utilizado em curtumes e derivados de couro, no processamento de medicamentos e na produção de vinho. A Florestal Brasileira manteve-se de 1935, quando inicia a exploração do quebracho, até 1974, encerrando definitivamente as atividades, com a transferência de sua sede para Campo Grande, MS.

Conforme registro em estudos sobre a referida empresa, Franco destaca que em reunião realizada conforme registro em ata datada de outubro de 1978, estabelece-se a sociedade com sede em Campo Grande onde ficaria o curtume e com fábrica em Porto Murtinho para produção de tanino. Segundo Franco, dá-se a aprovação em assembléia que o objetivo da sociedade consistia na “produção e a comercialização de tanantes vegetais, assim como as demais atividades necessárias a esse fim; a exploração da agropecuária; a

industrialização de couros em geral para todos os fins, bem como a exportação de produtos ligados as suas atividades.” (FRANCO, 2004, p. 19)

O encerramento das atividades fica registrado em ata da Assembléia Geral Extraordinária, realizada na primeira quinzena de outubro de 1980, em Campo Grande. As deliberações da assembléia sinalizaram para a necessidade de diversificar as atividades da empresa e o encerramento das atividades da fábrica em Porto Murtinho estava atrelado à construção e implantação de uma fabrica de artefatos de cimento na cidade de Osasco, no Estado de São Paulo. (FRANCO, 2004, p. 20)

Na fábrica havia cerca de 340 operários e um número três vezes maior de trabalhadores das obragens. Com uma produção diária de 200 sacas de 50 kg de tanino, atingindo uma cota mensal de 6500 sacas com corte de madeira de aproximadamente 1.600 toneladas. Ao encerrar parcialmente suas atividades em 1977, pela escassez de matéria prima e surgimento de um produto sintético substituto do tanino, novamente o município enfrenta uma decadência econômica, com um número elevado de desempregados, comprometendo seu desenvolvimento.

Anteriormente, somente Argentina e Paraguai tinham o privilégio da industrialização do tanino, desde 1895, os dois países somavam um total de 26 fábricas que atuavam como fornecedoras do tanino para os mercados da América e Europa.

Para descrever a tão auspiciosa obra em território matogrossense, o Anuário Brasileiro esmera-se no emprego das palavras que traduzam a grandiosidade do investimento.

Raia uma nova e decisiva fase de prosperidade para Porto Murtinho. É o verdadeiro início, também, da própria indústria nacional da extração do tanino [...] A “Florestal” iniciou de modo mais magnífico possível, a indústria organizada, racional em grande escala. (ANUÁRIO, 1943, p. 256)

O discurso seguinte apresenta quão vantajosa era a sua exploração e dimensionando as perdas com as importações do produto final que era extraído da madeira do quebracho. Assim, “os esplendidos quebrachais brasileiros já não dormiam olvidados enquanto o país ia importando tanino e canalizando, do mesmo passo, milhões de cruzeiros para o exterior. (ANUÁRIO, 1943, p. 256)

Como a atividade vinha num acelerado processo de desenvolvimento e as matas de quebracho eram generosas, imigrantes alemães e portugueses instalaram uma nova fábrica de tanino em 1937, a Quebracho Brasil S.A que empregava cerca de oitocentas pessoas. Rigorosos preceitos técnicos foram seguidos para a montagem das suas oficinas por técnicos especialmente contratados, bem como a elaboração e implantação de um projeto que incluía prédios térreos para suprir as necessidades de funcionamento e moradia, seguindo uma

rigorosa estrutura e organização social no espaço que pertencia à indústria e os campos para criação de gado e cavalos que atendiam aos interesses da mesma. (SILVA, 2003, p. 158) O esmero das palavras, no Anuário, permanece na descrição esmerada sobre a Quebracho Brasil.

O que se nota em Porto Quebracho – um enorme movimento produtivo, uma auspiciosíssima contribuição para o adiantamento e o progresso do frutuoso e encantador município de Porto Murtinho, como para o grande Estado de Mato Grosso e Brasil. (ANUÁRIO, 1943, p.256)

Com investimentos e lucros crescentes, as duas fábricas, atraíram para as matas de quebracho, inúmeros trabalhadores da região norte do Estado do Mato Grosso, do nordeste e também do oeste paulista. Essa migração fomentou o aumento populacional e, juntamente com os migrantes, vieram os imigrantes alemães, portugueses e, mais uma vez, paraguaios que se instalaram no município para suprir a demanda de mão de obra das fábricas. Na exploração dos quebrachais, assim como ocorreu com a erva-mate, a mão de obra indígena e paraguaia, foi computada na aferição dos lucros.

A Florestal Brasileira investiu na construção de uma vila para abrigar os trabalhadores do tanino, que consistia na construção de casas, escola, posto médico, serviço de água, luz elétrica. Construção de oficinas mecânicas, fundições, ferrarias, curtume experimental, enfim, toda uma infra estrutura que viesse atender aos trabalhadores evitando que os mesmos se afastassem do local de trabalho que, neste caso incluía mulheres e crianças desenvolvendo as mais variadas atividades como lavar roupas e recolher lascas de madeira utilizadas como lenha.

Nas palavras de Hipólito Soares, é possível observar a rigidez com que eram tratados os trabalhadores, em caso de faltas eram demitidos. O contingente de mão de obra indígena e paraguaia disponível permitia tais demissões. Ele frisa que “nosso chefe era um português rigoroso então a gente não podia faltar o serviço. Quando alguém faltava o serviço o porteiro já tinha ordem de juntar o cartão e levá lá pra mesa dele.”² A administração extremamente detalhada, girava em torno da gerência interna, da contabilidade, departamento de pessoal, oficinas, transporte, produção, tudo orientado para uma aferição de lucros crescentes.

Cabe aqui salientar a análise de Oliveira quando este aponta que “a disciplinarização da mão de obra, a fim de buscar um controle sobre o operariado, não só no espaço de trabalho, mas igualmente na vida fora da empresa, fazia parte da preocupação da elite – governo local e empresários.” (OLIVEIRA, 2005, p. 85) Essa estratégia foi

² Hipólito Soares da Silva. Entrevista em 21/08/2008. Prod. Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS

amplamente utilizada pelas indústrias de tanino no período que compreende os anos de 1935-1975. Um controle sutil, baseado na oferta de serviços essenciais e prioritários para a população de um modo geral, como saúde e habitação.

Enquanto o Anuário descrevia com veemência o desenvolvimento, observa-se que os investimentos vultosos e o rigor na execução dos trabalhos de extração da matéria-prima, tanto da erva como o tanino, percorriam uma via de mão dupla: investimentos e lucros em curto prazo. Kuhlmann faz a seguinte análise no que tange o desenvolvimento da região.

Entretanto, toda a região é escassamente povoada, contando apenas com um centro urbano de importância - Corumbá, [...] Porto Murtinho, que já teve grande importância na exportação do mate, é uma pequena cidade, que vive da indústria do tanino e do charque. (KUHLMANN, 1954, p. 117)

A Quebracho do Brasil encerrou suas atividades com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, quando o município foi anexado ao território de Ponta Porã, como sendo Área de Segurança Nacional. Os empresários eram na sua maioria estrangeiros com investimentos na região, no caso, na produção de tanino, basicamente eram alemães, tiveram que retornar ao seu país de origem ou se ausentar do Brasil. Este fato levou o município mais uma vez ao declínio econômico. A Florestal Brasileira manteve suas atividades até os anos de 1978. Silva faz uma ressalva quanto à mão de obra utilizada na fábrica e das dificuldades enfrentadas pela mesma em face da escassez da mão de obra. O autor aponta que

Dado ao isolamento em que vive Porto Murtinho, não pode chegar até lá o operário dos demais centros nacionais e, em consequência das últimas leis de imigração, já vai rareando a presença do peão paraguaio, que sempre foi o trabalhador daquela zona. (SILVA, 2003, p. 156)

As atividades foram encerradas paulatinamente em 1977, pela escassez de matéria-prima e surgimento de um produto sintético substituto do tanino. Novamente o município enfrenta uma decadência econômica com um número elevado de desempregados. Segundo dados do IBGE, o município contava com uma população estimada de 13.634 habitantes, sendo que deste total, 14,67% fica desempregada na mesma fração de tempo, comprometendo a economia local.

Essa fase consta na página da história não apenas da cidade, mas de muitos moradores. A cidade, assim como mantém o signo deixado pela Cia Laranjeira - a locomotiva, recebeu da Florestal Brasileira e da Quebracho do Brasil os signos de uma época. São eles respectivamente: a chaminé da Florestal e as ruínas da vila de Porto Quebracho. Atrativos turísticos do presente, preservando as marcas de um passado.

Recorremos à pertinência das palavras de Durval Albuquerque quando explica que

Cabe ao historiador ir ao passado e interrogar as evidências que este deixou com as perguntas adequadas, munido dos conceitos e métodos apropriados, para este passado oculto revelar-se em sua lógica subjacente, agora por ele percebida, embora, muitas vezes, ignorada por seus próprios agentes. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 24)

Muitos moradores passaram a infância nas vilas operárias, outros trabalharam ali. Muitas famílias deixaram a cidade com o fechamento das fábricas e, conseqüentemente ocorreu um êxodo populacional, mas quase imperceptível, tendo em vista que muitos permaneceram por não possuírem condições de retornar ou mesmo pela opção da permanência frente às dificuldades financeiras pelas quais passavam. O que constatamos é que na sua maioria os trabalhadores da indústria do tanino, eram famílias de origem paraguaia, que atravessavam a fronteira com o intuito de melhorias na condição social.

As narrativas giram em torno de momentos vivenciados na vila operária da Quebracho S.A. Artêmio Sanchez nos diz:

Nas diversões de guri, assistindo esses enlatados americanos que eram importados pra Porto Quebracho, ali onde eu nasci, fiz meu primário, enfim tudo mais. Onde tive grandes professores, professoras. Eu sonhava em falar inglês. Então assistia aqueles filmes legendados e ouvia o ator americano falando e eu chegava em casa e queria falar inglês com meu cachorro.³

Por se tratar de uma vila operária, as dificuldades impostas suscitavam novas perspectivas de vida, mesmo que estas estivessem contidas nos desejos das crianças e adolescentes em estudar na cidade, ou seja, entrar para o ginásio em Porto Murtinho. Para Artêmio, aprender inglês não foi tão difícil. Encontrou Rodrigo Soares Gouvêa com o qual fez um intercambio cultural que consistia na troca de aulas de inglês para o menino e guarani para o Senhor Rodrigo. As aulas aconteciam à noite e era feito o revezamento dos então aprendizes. Ele nos explica que “o seu Rodrigo me ensinava inglês numa noite e eu ensinava a ele o guarani na outra noite.” Não ocorria apenas e tão somente o intercambio de idiomas. Havia uma troca de experiências cotidianas que incluíam hábitos alimentares, música, religiosidade, hábitos cotidianos como tomar tereré. Este recorte de narrativa possibilita entender que os elementos de cada grupo encerram em si um conjunto de experiências ao longo do tempo, que denominamos de história.

Os elementos ou mesmo o grupo, liga-se a outro, pois o homem é naturalmente um ser social. Assim, os diferentes povos ao dialogarem, dão a cultura uma característica de circularidade. A cultura, tem a ver basicamente com tudo que criamos, seja na linguagem, na

³ Artemio Sanches. Entrevista em 20/08/2008. Prod.: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS

economia, na política, na ciência, na arte, na religião. Considerando que algumas culturas vistas como tradicionais estão sendo rearticuladas, supõe pensarmos a cultura articulada por nossas relações e mediadas pela nossa relação com a natureza.

Observa-se que muito dos moradores da cidade tem origem paraguaia. No período extrativista da erva-mate e posteriormente do tanino, e nas fazendas de gado na planície pantaneira, muitas foram às famílias paraguaias que vieram e ali se instalaram. É preciso reconhecer, num primeiro momento que “a penetração de imigrantes nos pantanais não se fez de maneira pacífica, mas enfrentou vários obstáculos, com destaque para o elemento paraguaio, para o qual canalizaram-se os sentimentos xenófobos de instituições do Estado [...]” (OLIVEIRA, 2005, p. 87). Não podemos perder de vista que Porto Murtinho é uma das sub-regiões do Pantanal e limítrofe com o Paraguai.

Para Oliveira, o elevado número de imigrantes paraguaios em Porto Murtinho está estreitamente ligado ao fato de que o município “era a primeira cidade brasileira que os imigrantes se deparavam ao subir o rio Paraguai [...]” (IDEM, p. 87) outro fator relevante é sua condição de “proximidade com a república paraguaia [...]” (IDEM, p. 88) Sem maiores perspectivas de melhoria na sua condição social, trabalhavam e criavam seus filhos sem a pretensão ou mesmo recursos para retornar ao país vizinho. É fato verificado que havia em muitas destas famílias, com numerosos filhos, uma preocupação com a iniciação escolar, com a educação das crianças que eram obrigados a estudar mesmo que a luz de velas ou lampiões.

Tais dificuldades não impediam, no entanto, a prática das brincadeiras do cotidiano infantil, como jogar bola, soltar pipa e nadar. Esta preocupação com a iniciação escolar das crianças estava atrelada a questão do idioma. Falava-se apenas o guarani que passou a ser proibido em muitos locais na cidade, incluindo a prefeitura, que mantinha uma placa de aviso, proibindo o uso do idioma guarani. Para muitos pais, o filho ir para a escola e aprender o português facilitava, em muito, as atividades corriqueiras do dia a dia como a compra de mercadorias para o consumo da família. Na fala de muitos moradores, podemos observar que o falar guarani ou castelhano dificultava o acesso a determinados lugares públicos, no entanto, era muito solicitado quando em situações definidoras como exemplo, no contato com moradores da Colônia Peralta e Ilha Margarida, bem como com as comunidades indígenas.

Na narrativa de Ninfa Avelar, que veio do Paraguai e se naturalizou brasileira aos doze anos de idade, é possível dimensionar as condições em que se encontravam as famílias paraguaias que vinham trabalhar e morar em Porto Quebracho. Na maioria dos casos, eram famílias numerosas, onde os filhos desde a mais tenra infância trabalhavam com os pais, seja

na fábrica do tanino, auxiliando nas mais diversas atividades, seja lavando roupas na barranca do rio ou ainda cuidando dos irmãos mais novos. Ela diz:

Vim com um ano de idade do Paraguai pra Porto Quebracho (...) tinha que lavar ropa, tinha que fazer muita coisa, eu tive 12 irmãos sabe, na época, tudo escadinha e eu era a mais velha da turma e tinha que ajudar a minha mãe. Então eu não tinha tempo, então eu estudava só de madrugada, três hora tava eu deitada com o lampião na cabeceira da cama estudando (...) nós estudávamos a luz de vela, lamparina, lampião, a gente as vez ia pra escola cedo, com o nariz tudo preto, sabe, do lampião porque a gente estudava das três as seis que os pais obrigava a gente a estudar porque de dia a gente não tinha tempo ⁴.”

Estas informações também constam na narrativa de Artêmio Sanchez, um dos estudantes que prestou a prova, juntamente com Ninfa Avelar para admissão no ginásio.

Meu primeiro trabalho foi no carro alça-prima, eu fui carreiro. Acordava às três da manhã pra começar a trabalhar as quatro, fazia o quebra torto as oito e oito e meia tomava tererê. Às três horas da tarde recolhia tudo no alojamento. E a noite eu estudava com lamparina de carbureto. ⁵

Ele destaca também que o logotipo da fábrica de tanino Quebracho do Brasil era um triângulo com uma cabeça de onça. Quem trabalhava ou nascia na vila de propriedade da Quebracho do Brasil, recebia a pecha “marca onça”, por isso é muito comum o uso da expressão entre os murtinhenses.

No término das atividades com o tanino em meados da década de 1970, a cidade vivenciava momentos áureos, conforme as narrativas. No relato de Lidia Fernandes, havia na cidade 16 lojas de tecidos, de roupas para festas, porque aconteciam muitos bailes e tinha também o cinema, que funcionava com gerador e depois com energia elétrica, lugar em que “todas as gentes iam bem vestidas.”⁶ Havia 09 alfaiatarias, torrefação e moagem de café, muitos investimentos “de fora” em fazendas de gado, sem contar os investimentos da Florestal.

Verificamos que desde a implantação da vila e posteriormente da cidade Porto Murtinho, o transporte configurou-se como fator negativo e de significativas reivindicações dos investidores que por ali passaram. O acesso e transporte eram prejudicados pelas condições das estradas que consistiam basicamente em “carreiros” ou picadas e estradas carroçáveis abertas por boiadeiros na condução do gado para as charqueadas. Em períodos de chuvas intensas, tornavam-se inacessíveis e impediam a circulação de produtos. Em princípios de 1940 já era reivindicadas estradas especialmente a que faria a ligação entre

⁴ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em 21/08/2008, por Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS

⁵ Artemio Sanches. Entrevista em 20/08/2008. Prod.: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS

⁶ Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em 10/12/2008. Prod.: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS

Porto Murtinho e Jardim. Em face da dificuldade de acesso, a região permanecia semi-isolada, contando apenas com o transporte fluvial pelas vias de comunicação do rio Paraguai.

Na sua análise sobre o panorama econômico no sul de Mato Grosso, Queiroz menciona a possibilidade de enclaves na região. Aponta que “três atividades produtivas tinham efetiva projeção, no contexto de uma economia de mercado: a pecuária bovina, a extração e o beneficiamento da erva mate e a indústria do charque.” (QUEIROZ, 1997, p. 129). Prossegue analisando que no caso da extração da erva mate e das charqueadas, as indústrias se fundamentavam e utilizava a extração da matéria prima, com características inerentes às atividades implantadas na região, “tinha pouco a ver com uma dinâmica industrial própria” (IDEM, p. 130). Portanto, as instalações e a organização dessas indústrias estavam atreladas ao intuito do aproveitamento máximo da matéria-prima existentes. Ou seja, as densas áreas de erva mate e a crescente pecuária no Pantanal, ambas contribuindo para o desenvolvimento econômico e para um crescente mercado externo que buscava novas fontes de suprimento.

Com instalações próprias e toda uma infra estrutura física e logística, absorvendo a mão de obra local a custos baixíssimos, ou mesmo em regime de servidão, constituíam grandes capitais, divisas para um mercado exterior. No caso da Cia Laranjeira uma injeção de capital estrangeiro possibilitou a manutenção de seu monopólio extrativista da erva mate. A logística implantada pela Cia Mate é adquirida posteriormente pela Florestal Brasileira, que pratica atividade semelhante no que tange a exploração da madeira do quebracho para a exportação. O controle e a manutenção das obragens e da vila estava voltado para um processo extrativista acelerado, a mão de obra utilizada seguia os mesmos moldes da extração da erva.

Destacamos que o funcionamento da Florestal Brasileira consistia em toda uma infraestrutura que abrangia não apenas a instalações locais, como também as áreas de extração da madeira do quebracho. O controle da produção e da mão de obra incluía postos de observação e um sistema de telefonia que permitia o contato entre os diversos departamentos da empresa. Controle metódico dos horários dos trabalhadores no interior das fábricas e das obragens evitando o desperdício de tempo e também da matéria prima no processamento do tanino. A organização do espaço da vila de operários e a ordem no local seguia preceitos rígidos que impediam qualquer tipo de conflito entre as famílias que ali estavam.

Para manter essa imensa cadeia de elaboração que começava nas florestas e terminava a beira do rio, dispunha-se de todos os elementos imagináveis, desde pequenas usinas de vapor, fundição e oficinas para a fabricação e reparos de material ferroviário,

maquinários, bombas d'água e peças diversificadas para atender inclusive a frota de carretas do campo e similares. (FRANCO, 2004, p. 25)

A manutenção de serviços básicos como mercado e serviço de saúde, evitava as ausências e os deslocamentos do local. A escola atendia as crianças e as inseria no contexto da rotina de trabalho de seus pais, sendo no auxílio das atividades domésticas bem como nas atividades em redor da fábrica como a limpeza do pátio. O convênio com a escola Nossa Senhora das Graças mantida pelas freiras, permitia a continuação dos estudos, mediante prova de admissão, muitos crianças não conseguiam aprovação e, conseqüentemente, permaneciam na vila engrossando o contingente de trabalhadores no local. Com a instalação das duas fábricas, instalou-se o serviço de fornecimento de energia elétrica para a vila e a melhoria do serviço na área urbana de Porto Murtinho. Para auxiliar no transporte das toras de madeira das obragens para as fabricas, utilizavam-se de carretas puxadas por bois, cuidadosamente adestrados pelos condutores das carretas. A criação de um rebanho bovino atendia, além do transporte, o fornecimento de carne para os funcionários.

Toda a edificação do espaço das fábricas, como suas delimitações internas e das obragens – local onde era extraída a madeira do quebracho, evitavam o comprometimento do capital investido, o controle dos custos e dos lucros obtidos. Assim, aos primeiros sinais da escassez da madeira, encerraram-se as atividades, resultando na retração da economia, comprometendo o desenvolvimento de Porto Murtinho.

Nesse contexto, ponderamos que a extração do tanino pela Florestal Brasileira e Quebracho do Brasil se assemelha a possíveis enclaves. Faz-se necessário, porém, a realização de estudos apurados abrangendo não apenas a economia, mas também a política para o referido período, que possam corroborar a hipótese aqui suscitada.

Fontes Orais:

- Artêmio Sanches. Entrevista em 20/08/2008. Prod. Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Hipólito Soares da Silva. Entrevista em 21/08/2008. Prod. Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em 10/12/2008. Prod. Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em 21/08/2008, por Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS

Referências:

ALBUQUERQUE JR. D. M de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ANUÁRIO do Oeste Brasileiro (Anuário de Corumbá, n. 3, 1943).

ARRUDA, G. **Cidades e Sertões**: entre a história e a memória. Bauru, SP: EDUSP, 2000.

FRANCO. M. D. S. **A empresa Florestal Brasileira S.A. e a produção de tanino em Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul**. 2004. 31 f. Monografia (Especialização em História) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

KUHLMANN, E. A vegetação de Mato Grosso- seus reflexos na economia do Estado. In: **Revista Brasileira de Geografia**. n. 1. jan/março 1954. p. 77-122

-LEONARDI. V. P. B. **Os historiadores e os rios**: natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15. Ed. UNB, 1999.

OLIVEIRA. V. W. N de. **Estrada móvel, fronteiras incertas**: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926) Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

PESAVENTO. S.J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas. **Rev. Bras. História**, vol. 27 n.53, jan-jun/2007.

QUEIROZ. P. R. C. **Vias de comunicação e articulações econômicas do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX)**: Notas para discussão. UFMS/Dourados. 2004. p.1-37

QUEIROZ. P.R.C. As condições econômicas do Sul de Mato Grosso no início do Século XX. **Fronteiras – Rev. História** UFMS, Campo Grande, MS, 1(2): 113-136 jul/dez, 1997

SILVA. J. de M. **Fronteiras Guaranis**. 2ª Ed. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS: 2003.